

## **Formação e desenvolvimento de carreira: relato dos egressos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina**

## **Formation and career development: report of the graduates from the Psychology course at the Federal University of Santa Catarina**

## **Formación y desarrollo profesional: informe de los graduados del curso de Psicología de la Universidad Federal de Santa Catarina.**

### **Valéria De Bettio Mattos**

Graduada em Psicologia, mestre e doutora em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do departamento de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.  
E-mail: valeria.mattos@ufsc.br

### **Gabriela Amâncio de Souza**

Graduanda de Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, Santa Catarina - Brasil.  
Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica).  
E-mail: amancios.gabriela@gmail.com



# Formação e desenvolvimento de carreira: relato dos egressos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina

## Formation and career development: report of the graduates from the Psychology course at the Federal University of Santa Catarina

## Formación y desarrollo profesional: informe de los graduados del curso de Psicología de la Universidad Federal de Santa Catarina.

**Mattos, V. & Souza, G.**  
Universidade Federal de Santa Catarina

### Resumo

Este artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida junto aos egressos do curso de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina formados no período de 2010 a 2017, cujo objetivo consistiu em verificar suas experiências acadêmicas durante a graduação, as atuais práticas profissionais, suas formações complementares, além de identificar como avaliam a formação realizada na instituição frequentada. Trata-se de investigação descritiva com finalidade exploratória, de natureza quanti-qualitativa, a partir de um recorte dos dados para relacionar o processo formativo inicial, acrescido ou não da continuidade dos estudos no nível de pós-graduação, com a sua atuação profissional recente. Os dados analisados evidenciam uma avaliação positiva frente à formação obtida, o que reflete satisfação com as práticas profissionais atuais dos egressos, uma vez que estas guardam forte relação com suas experiências práticas durante a graduação.

**Palavras-chave:** Trajetória profissional; Egressos; Psicologia; Formação educacional.

### Abstract

This article is a result from a research developed with graduates of the Psychology course at Federal University of Santa Catarina (UFSC) graduated from 2010 to 2017, which goal aims to verify their academic experiences during graduation, their current professional practice, their complementary formation, besides identifying how they rate the formation provided by the institution. It is a descriptive research with an exploratory purpose based in a quantitative-qualitative nature, starting from a data clipping to relate the initial formative process, added or not of the continuity of the studies at the complementary education level, with their recent professional performance. The analyzed data show a positive evaluation related to the quality of the formation obtained, which reflects satisfaction with the current professional practices of the graduates, since these practices have a strong relation with their formative experiences during the undergraduate.

**Keywords:** Professional trajectory; Undergraduates; Psychology; Education.

### Resumen

Este artículo resulta de una investigación desarrollada junto a los egresados del curso de psicología de la Universidad Federal de Santa Catarina graduados entre el 2010 y el 2017, con el objetivo de verificar las experiencias académicas de grado y la actual práctica profesional, la formación complementaria de los egresados e identificar cómo evalúan la formación realizada en la institución frequentada. Se trata de una investigación descriptiva con fines exploratorios, de naturaleza cuantitativa-cualitativa, desde un recorte de los datos para relacionar el proceso formativo inicial, agregándose o no la continuidad de los estudios en nivel de postgrado y su actuación profesional reciente. Los datos analizados evidencian una evaluación positiva frente a la formación obtenida, lo que refleja satisfacción con las prácticas profesionales actuales de los egresados, una vez que estas guardan fuerte relación con sus experiencias formativas durante la graduación.

**Palabras-clave:** Trayectoria profesional; Licenciados; Psicología; Formación educacional.

Pensar a formação profissional requer compreendê-la em sua relação com a formação educacional se a perspectiva educacional visa à formação do indivíduo como cidadão (Ferretti, 2004). As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) lançadas em 2001 e revisadas em 2018 para a área da saúde, abrangendo a Psicologia, trouxeram uma compreensão ampliada do seu conceito, estabelecendo-a como importante para a organização dos cursos e currículos de uma formação integrada que vise à articulação de várias disciplinas. Tal proposta reafirma o caráter multidisciplinar da área, sua articulação tanto com as ciências biológicas quanto com as ciências humanas, além da inserção nos três campos clássicos na formação e atuação em Psicologia: clínica, escolar e trabalho (Conselho Federal de Psicologia, 1998; 2018).

Com isso, as DCNs passam a ser orientadoras de programas de cursos de graduação, considerando que representam a implementação de projetos políticos-científicos-éticos-pedagógicos, visando à construção de processos de ensino-aprendizagem voltados para os possíveis benefícios de uma atividade profissional à sociedade (Botomé & Kubo, 2002). Nessa perspectiva, a graduação pode ser entendida como um dos principais meios de ligação entre o indivíduo e sua inserção como profissional habilitado a exercer a sua prática em determinada área. É no patamar da educação formal que epistemes, métodos e práticas são discutidos com o intuito de apresentar diferentes possibilidades de atuação profissional.

Complementarmente existem diretrizes mais recentes de formação básica do psicólogo, que preconizam competências essenciais destacadas nas DCNs, instituídas pelo Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2004; Brasil, 2011; Brasil, 2018), as quais destacam características atitudinais e comportamentais necessárias para desenvolver um bom trabalho com outros indivíduos, em nível individual ou grupal, os quais são os principais beneficiários dos serviços fornecidos pelos psicólogos.

O recorte deste artigo visa verificar se as experiências acadêmicas durante a graduação possuem relação com a atual prática profissional e possível formação complementar dos egressos investigados, além de identificar como estes avaliam a formação obtida na instituição. A realização desta pesquisa justifica-se, uma vez que tem se tornado fundamental estudar a relação entre a trajetória acadêmica e a realidade no campo de trabalho dos egressos do ensino superior, inclusive como indicador de avaliação da instituição de ensino.

A temática apresenta relevância científica e social, uma vez que busca analisar e publicizar conhecimento acerca da realidade profissional dos egressos do ensino superior brasileiro, visto que esta meta está prevista nas diretrizes do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) brasileiro. E de maneira mais detida, busca sistematizar dados para o curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)<sup>1</sup>, campo de desenvolvimento da pesquisa, até então desconhecidos, uma vez que formalmente após o encerramento do vínculo com a instituição, não há registros institucionalizados sobre o percurso profissional de seus ex-alunos. Nesse sentido, a pesquisa se justifica dado que possibilita reflexão acerca da formação obtida por meio da percepção dos egressos sobre a sua qualidade e abrangência, bem como da relação desta com a inserção profissional desses egressos no mundo do trabalho.

Para fins de contextualização, o curso de Psicologia na UFSC é oferecido em tempo integral, com carga horária de 4080 horas (formação psicólogo). O projeto pedagógico do curso contempla atividades de ensino, pesquisa e extensão que se alinham a quatro áreas/énfases: 1) saúde e processos clínicos; 2) organizações e trabalho; 3) escolar e educacional e 4) processos comunitários e ações coletivas. A formação inicial leva em torno de cinco anos, para a habilitação profissional de bacharel e mais um ano e meio para aqueles que desejam agregar a habilitação de licenciado, destinado ao exercício da docência.

A pesquisa baseou-se na busca exploratória de localizar os egressos, conhecer sua inserção profissional e avaliar a percepção da formação educacional recebida. O presente artigo constitui-se a partir de um recorte de dados originalmente extraídos de um formulário cadastrado em uma plataforma *online*, no qual existiam diversas

perguntas fechadas e abertas relacionadas à trajetória acadêmica e a inserção profissional dos egressos do curso de Psicologia da referida instituição no mercado de trabalho.

Parte-se da premissa de que a formação no nível da graduação possui como principal característica a transmissão/desenvolvimento de um conhecimento mais generalista (Pereira, 2011), onde os acadêmicos possuem a chance ao longo de sua formação, de entrar em contato com disciplinas de formação geral, voltadas para cultura universal e humanidades, disciplinas básicas, direcionadas à ciência, além de disciplinas profissionalizantes que os capacitam minimamente em termos de competências e habilidades a fim de atuarem em alguma(s) área(s) de interesse (Mattos e Rodrigues, 2018).

Acompanhar os caminhos percorridos por egressos é uma possibilidade de análise sobre a educação, em especial sobre a formação proporcionada por uma dada instituição, bem como, permite identificar e refletir acerca de questões relevantes, como as mudanças no mundo do trabalho, a "necessidade" de continuidade na formação e o desenvolvimento profissional de egresso. A avaliação que os egressos fornecem sobre a formação recebida é a principal fonte para que as reformas curriculares sejam realizadas, sempre respeitando as diretrizes curriculares dispostas pelo Ministério da Educação (MEC) (Pereira, 2011).

### Metodologia:

Com a finalidade de atender aos objetivos da presente pesquisa, optou-se por seguir um estudo de natureza quanti-qualitativa (Triviños, 2008; Minayo, 2016; Gil, 2019), visto que os dados que respondem à pergunta do estudo advém de opiniões, as quais foram transformadas em elementos quantificáveis para assegurar uma exatidão melhor no plano dos resultados. Esta abordagem mista, a partir de um questionário composto por perguntas fechadas e abertas permitiu uma elaboração de novas questões e a procura de respostas que auxiliassem a compreender os condicionantes que demonstraram a permanência ou retorno de estudantes na UFSC, para a realização de formação complementar, bem como, o processo de inserção profissional dos jovens egressos do curso de Psicologia no mercado de trabalho.

Na etapa inicial da pesquisa, a partir das listas de nomes e/ou contatos dos profissionais formados (habilitação psicólogo) no período de 2010-2017, fornecidas pela SeTIC (Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação e Comunicação) da referida instituição, buscou-se estabelecer contato eletrônico a fim de sensibilizar a população investigada sobre a importância da participação na pesquisa, o que garantiu a adesão de 103 (45%) dos egressos formados no período investigado.

O aceite para a participação na pesquisa ocorreu através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que abordava as questões éticas referentes ao estudo, que havia sido aprovado anteriormente pelo comitê de ética da instituição<sup>2</sup>. O envio foi realizado por meio de plataforma eletrônica (*google docs*) o que garantiu o anonimato dos respondentes.

Para a análise do material, foram utilizadas técnicas de organização e agrupamento quantitativo para as perguntas fechadas, com auxílio de programas estatísticos e bases de dados (*Excel*) e técnicas da análise de conteúdo, para as questões abertas do questionário que permitiram a construção de categorias de interpretação emergentes sobre as manifestações dos recém-formados. Por fim, para analisar o percurso dos egressos, fez-se necessário articular o processo formativo inicial, além da existência de continuidade dos estudos no nível da pós-graduação, com a sua atuação profissional atual, dado que um número expressivo é considerado recém-formado<sup>3</sup>.

### Fundamentação teórica:

A formação e atuação dos psicólogos no Brasil têm sido objeto de estudos e discussões ao longo dos anos e isto vem ocorrendo desde a regulamentação da profissão no país, em 1962. Essas discussões incidem sobre a função social da Psicologia e a sua interface junto às demais áreas do conhecimento; a necessidade de diversificação teórica e de flexibilização do currículo e, após a formação, a análise

1 A UFSC é uma instituição de ensino superior multicampi, localizada na região sul do Brasil, que abrange cerca de 50 mil pessoas, entre estudantes, técnicos e docentes. Recentemente, em ranking nacional, ocupa a quarta posição geral entre as universidades federais brasileiras, estando na 8<sup>ª</sup> colocação em ensino, pesquisa e internacionalização, na 16<sup>ª</sup> posição em inovação; e na 25<sup>ª</sup> em mercado. Para detalhes, cf.: <https://noticias.ufsc.br/2019/10/ufsc-e-a-quarta-melhor-universidade-federal-do-pais-conforme-ranking-da-folha-de-s-paulo/>

2 O projeto de pesquisa intitulado "Portal do Egresso do curso de Psicologia/UFSC" foi aprovado pelo Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE, sob registro n. 77604417.8.0000.0121 em setembro de 2017 e o seu desenvolvimento durou o período 2017-2019.

3 Em termos gerais, no Brasil, considera-se recém-formado aquele que finalizou seus estudos em até dois anos.

das trajetórias profissionais desenvolvidas. Essas perspectivas constituem-se como desafios para as instituições formadoras diante do desenvolvimento das competências exigidas na formação profissional em Psicologia (Bastos & Gondim, 2010; Mattos & Souza, 2019).

As competências esperadas na formação do psicólogo são destacadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais, instituídas pelo Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2004; Brasil, 2011; Brasil, 2018), a partir de uma formação voltada para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino de Psicologia. A formação básica deve aprofundar as competências e habilidades que são centrais e indispensáveis ao psicólogo, tais como: atenção à saúde, tomada de decisões, possuir conduta pautada em evidências científicas, comunicação, liderança, administração e gerenciamento, além de educação permanente (Brasil, 2011, 2018).

As diferentes áreas possuem como proposta geral, apresentar os pressupostos epistemológicos e a articulação entre teoria e prática, numa forma compacta e de acordo com as possibilidades do currículo vigente em cada uma das instituições, ou seja, visam trazer uma visão generalista das possibilidades dentro de cada campo (Pereira, 2011).

As competências são as capacidades humanas para a realização de determinadas atividades (Cruz & Schultz, 2009). De acordo com os referidos autores, tais competências são construídas por meio de processos de aprendizagem influenciados por três conjuntos de capacidades: conhecimentos (informação, saber o quê e saber o porquê), habilidades (técnica, capacidade e saber como) e atitudes que envolvem o querer fazer, a identidade e a determinação. A aquisição das competências requeridas ao profissional de Psicologia necessita de uma formação composta por diferentes métodos e estratégias de aprendizagem que levem o acadêmico a desenvolver as competências norteadoras do currículo, quais sejam: solução de problemas e geração de conhecimentos.

Tais competências referem-se a desempenhos e atuações necessárias ao formado em Psicologia, e devem garantir ao profissional um domínio básico dos conhecimentos psicológicos para que seja possível utilizá-los em diferentes contextos que demandam a investigação, análise, avaliação, prevenção e atuação em processos psicológicos e psicosociais, e na promoção da qualidade de vida. Essas competências apoiam-se em habilidades como, por exemplo, levantar informação bibliográfica, ler e interpretar comunicações científicas, planejar e realizar várias formas de entrevistas (Brasil, 2004). O núcleo comum da formação em Psicologia em todo o país está estabelecido nestas competências essenciais.

Bernardes (2012) aponta que, no currículo mínimo, a aprendizagem ocorre através da acumulação de conhecimentos obtidos através das matérias específicas; já as DCNs consistem nas orientações sobre fundamentos e condições de oferecimento para o planejamento, a implementação e a avaliação dos cursos envolvidos (Brasil, 2004; Brasil, 2018). Segundo Bernardes (2012) “o primeiro desafio está vinculado à superação da ideia de que o currículo não se reduz a uma lista ou à grade de disciplinas, mas é implementado no campo das relações de poder e na produção de cultura” (p.219).

As DCNs para os cursos de Psicologia, como projeto de mudança, podem causar espanto às estruturas de muitos cursos, departamentos e universidades justamente por trazerem uma maior integração e diversidade na formação, porém, por outro lado oferecem uma oportunidade de reforma periódica e novas visões e propostas para o ensino-aprendizagem nos currículos de Psicologia. Abbad e Mourão (2010) alertam que a formação universitária deve considerar o contexto histórico, cultural e social que se apresenta diferenciado na vida de cada um dos indivíduos. Com isso, entende-se que não se pode limitar o processo de formação e inserção profissional a algo inteiramente econômico; é necessário articular esse fator com as vivências e experiências resultantes das interações do indivíduo no contexto social em que se insere.

No caso da psicologia, os últimos anos têm demonstrado uma grande procura por esta formação, expressa na relação candidato/vaga dos vestibulares e processos seletivos das universidades e demonstra um interesse maior pelo principal objeto de estudo da área – o comportamento humano – nas suas diversas manifestações e diferentes interpretações (Mattos e Rodrigues, 2018). Não de maneira exclusiva, mas bastante presente, verifica-se que existe um grande número de profissionais que alonga seu tempo de estudo para realizar formações complementares, paralelamente à formação inicial ou imediatamente após os cinco anos, período mínimo estipulado

para a obtenção da habilitação profissional.

Pereira (2011) lembra que “[...] a graduação é a etapa inicial da formação do estudante e não a formação completa” (p.125). Reforça-se com isso que, esta formação inicial normalmente oferecida pelas Instituições de Ensino Superior (IES), independentemente do campo de conhecimento, é generalista (Turmina; Bianchetti, 2003).

Essa alternativa de prolongar os estudos vem ocorrendo desde as últimas décadas do século 20 (Mattos e Rodrigues, 2018). Os dados mostrados, em forma de censo, nos últimos estudos e levantamentos realizados sobre a temática em âmbito nacional (Conselho Federal de Psicologia, 1998; Bastos e Gomide, 2010; Malvezzi, Souza e Zanelli, 2010; Bastos, Gondim e Borges-Andrade, 2010a/2010b), indicam que o profissional psicólogo está em uma busca contínua por complementação de sua formação inicial, investindo principalmente em atividades que possam dar suporte à sua atuação profissional, tais como cursos de curta duração, supervisão e grupos de estudos. (Abbad e Mourão, 2010).

No que tange à área de atuação e inserção profissional, existe uma forte influência das experiências vivenciadas durante o processo de formação. Bastos, Gondim & Borges-Andrade (2010a/2010b) mostram que riqueza e a variedade de oportunidades oferecidas durante o período de permanência no ensino superior servem de atrativos potenciais para ajudar na construção de uma identidade adjacente, ou seja, além da identidade com a psicologia, que lhe dá unidade, há uma identidade com a área de atuação. A inserção profissional, de acordo com Callegari (2011) pode ser definida como a passagem de um curso universitário para o mercado de trabalho. Esse processo é transicional e complexo, pois envolve aspectos externos e internos, desde demandas do mercado de trabalho, a situação socioeconômica do país, as exigências profissionais, processos de formação até mesmo características pessoais de cada indivíduo.

De acordo com Bastos et al. (2010a/2010b) no plano ideal, o trabalho promove o crescimento e a independência o que recompensa o esforço empreendido, permitindo a satisfação no trabalho. Ademais, o trabalho promove a humanização do ser humano e garanta sua sociabilidade, mas paradoxalmente apresenta um custo ao trabalhador por estar submetido a normas e regras, sem que necessariamente seja assegurada a completa realização profissional. Ao contrário, normas e regras impõem limites ao crescimento e à realização pessoal e profissional, sem que se dê a contrapartida esperada, ou seja, a segurança.

No caso do profissional recém-formado existe a expectativa de um espaço de acolhimento. Bastos e Gomide, (2010) afirmam que pertencer a um local com características comuns remete segurança em vários pontos: “[...] desde a obtenção de um respaldo teórico com uma abordagem já procurada por identificação; passando pelo compartilhar de angústias profissionais vividas a um nível técnico, através de supervisões [...]” (p.249).

Através da revisão de literatura realizada, percebeu-se a escassez de pesquisas brasileiras realizadas especificamente com egressos. Além disso, a mais atual, em nível nacional, encontra-se com 10 anos de divulgação e realização (Bastos e Gondim, 2010; Yamamoto e Costa, 2010). A escolha por esses materiais justifica-se pela sua histórica relevância, podendo servir de referência, dado que se caracterizam como censos, para análise e comparação dos dados extraídos com os egressos investigados da UFSC, pois possuem como finalidade conhecer melhor a categoria de psicólogos do país e das regiões e seus respectivos estados, suas necessidades diante do mercado de trabalho e a avaliação que fazem sobre a formação que tiveram nas áreas de interesse na Psicologia, entre outras características.

Em razão da falta de informações sobre a situação dos psicólogos egressos de Santa Catarina em geral, mas, sobretudo entre os formados pela UFSC, este estudo buscou conhecer características referentes à formação e a inserção profissional dos egressos da única instituição federal a oferecer este curso no estado, formados entre os anos de 2010 e 2017.

A partir do levantamento bibliográfico realizado, da argumentação conjunta com os trabalhos referidos e de outros estudos que se propuseram a investigar egressos do ensino superior em diferentes áreas e instituições, o presente texto busca apresentar e analisar como os egressos investigados avaliam sua formação, além de obter informações sobre inserção e área de atuação profissional atual, pois desta forma será possível conhecer melhor a categoria, bem como dimensionar o impacto da formação recebida na instituição, com vistas a subsidiar possíveis mudanças no projeto pedagógico do curso, no futuro.

### Análise dos Dados e Discussão dos Resultados

Gondim e Borges-Andrade (2010) afirmam que o desenvolvimento das competências exigidas do profissional de psicologia requer uma formação baseada na diversificação de métodos e estratégias, na criação de situações de aprendizagem que levem o aluno a demonstrar as competências norteadoras do currículo como solução de problemas e geração de novos conhecimentos. Os currículos das universidades públicas foram elaborados com o objetivo de formar indivíduos com certo nível de conhecimento genérico em temas psicológicos, com uma razoável formação metodológica e com alguma habilidade técnica para auxiliar na intervenção. (Bastos e Gomide, 2010).

Dentre os 103 respondentes da pesquisa, os egressos apontam que estão satisfeitos em relação às contribuições pessoais e profissionais recebidas durante a formação universitária, sendo que 58,3% consideram satisfatória a contribuição do curso para o desenvolvimento profissional e 47,6% declaram ser satisfatório a contribuição no nível do desenvolvimento pessoal, seguidos de uma porcentagem que as considera muito satisfatória (22,3% e 40,8% respectivamente), conforme é possível verificar nos gráficos 1 e 2.

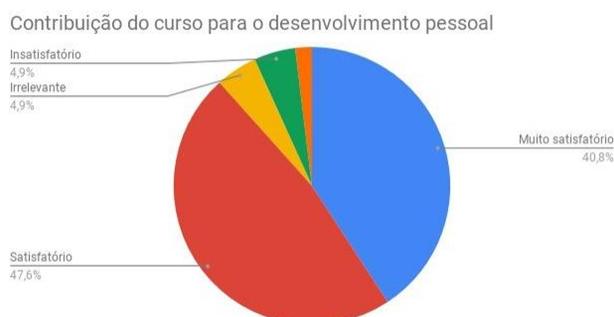
Os gráficos 1 e 2 evidenciam que o período de formação no ensino superior é um momento muito oportuno para a construção da identidade profissional e a consolidação da identidade pessoal (Zatti, Luna, Silva & Feigel, 2017). De acordo com Zatti et al. (2017), percebe-se que questões referentes à carreira são importantes e se apresentam no contexto das experiências vivenciadas na graduação, construindo fatores relevantes na compreensão das condições

Gráfico 1 - Contribuições do curso para o desenvolvimento profissional



Média 20,6 Desvio padrão 23,45  
Fonte: Elaborada pelas autoras

Gráfico 2 - Contribuições do curso para o desenvolvimento pessoal



Média: 20,6 Desvio padrão 22,89  
Fonte: Elaborada pelas autoras

profissionais e pessoais dos psicólogos.

Os dados da pesquisa nacional realizada por Bastos e Gondim (2010), acerca dos profissionais de psicologia mostraram que cerca 50% dos respondentes estavam insatisfeitos com os conhecimentos adquiridos na graduação, o que pode implicar diretamente no nível de satisfação relacionada ao desenvolvimento profissional. Tal dado se contrapõe à realidade aqui apresentada, visto que os egressos avaliaram positivamente a formação recebida em sua maioria (80,6% consideraram-na satisfatória e muito satisfatória), bem como consideram o seu desenvolvimento profissional satisfatório.

Em complemento às competências e conhecimentos técnicos, existem múltiplas habilidades a serem desenvolvidas e estimuladas, as quais são citadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia (Brasil 2004; Brasil 2011; Brasil, 2018).

O desenvolvimento pessoal engloba habilidades e competências que podem auxiliar tanto na vida particular quanto no contexto laboral. Nos dias atuais, o espaço de formação geral e do desenvolvimento de competências múltiplas se constitui em requisitos essenciais dentro da formação universitária. Outrossim, um conjunto importante de competências, habilidades e atitudes, que sejam transversais às competências técnicas e profissionais são cada vez mais centrais na formação dos estudantes nas universidades (Mattos & Souza, 2019).

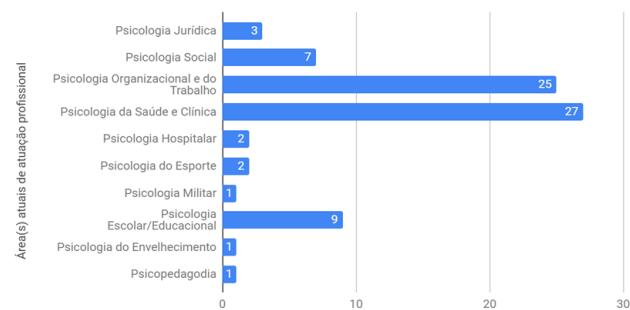
Os egressos precisam encontrar um equilíbrio entre os níveis profissional e pessoal, tornando-se investigadores de sua prática, visando não apenas uma melhor compreensão de si próprios como profissionais, mas também buscando melhoria de seu trabalho e atuação (Abbad e Mourão, 2010). Os profissionais de psicologia, assim como profissionais das mais diversas áreas, precisam, constantemente, revisitar as teorias com as quais se identificam a fim de embasar e justificar suas ações. É somente avaliando as compatibilidades ou incompatibilidades que existem entre a teoria e a prática que os profissionais podem ampliar o seu conhecimento acerca da área e os seus contextos, bem como sobre si mesmos, na condição de psicólogos. Esse movimento de mão dupla, ou seja, esse processo de reflexão entre o que o egresso pensa e reflete e o que ele realiza é que pode gerar uma mudança substancial na sua prática profissional e promover o seu desenvolvimento.

Os dois eixos, profissional e pessoal, são fundamentais na formação universitária e constantemente requeridos no mundo do trabalho nos anos recentes e ambos se relacionam com o desenvolvimento da carreira desses profissionais. Diz respeito, portanto, à pessoa em constante mudança nos contextos de sua vida, de modo que convergem para o desenvolvimento pessoal e profissional. O desenvolvimento de carreira durante a graduação compreende, portanto, as experiências vivenciadas durante a formação profissional e que constituem a relação entre autoconceito e trabalho por meio da atualização da identidade profissional (Zatti et al., 2017).

Há que se destacar que os estudos sobre carreira no Brasil são recentes e mapear a trajetória de psicólogos brasileiros, tal como apontado ao longo deste artigo, também. Somente nos anos 1980 é que iniciaram os estudos e reflexões sobre o exercício da psicologia no Brasil, época em que as clínicas e consultórios psicológicos eram os locais onde mais se concentrava o trabalho do psicólogo. Logo em seguida aparecem as empresas, escolas, instituições de ensino superior, hospitais, instituições de atendimento psicológico e órgãos de administração (Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010).

Referente aos egressos da Universidade Federal de Santa Catarina é possível visualizar que a maioria deles se encontra atuando na área

Gráfico 3 - Área(s) de atuação profissional dos egressos



Fonte: Elaborado pelas autoras

Psicologia da Saúde e Clínica, seguido pela área Organizacional e do Trabalho, Psicologia Escolar e Educacional, Psicologia Social, Psicologia Jurídica, Psicologia Hospitalar, Psicologia Militar, Psicologia do Envelhecimento e Psicopedagogia, tal como apresentado no gráfico a seguir.

O gráfico 3 permite observar que houve uma alteração em relação ao levantamento nacional do Conselho Federal de Psicologia realizado em 1988, assim como os dados identificado por Bastos et al. (2010a/2010b) no censo realizado sobre a profissão de psicólogo em 2008. Os dados dos profissionais recém-formados pela UFSC demonstram que novas inserções vêm surgindo na psicologia, como, por exemplo, a área hospitalar, jurídica, do esporte e social, o que demonstra a consolidação de novos campos de atuação profissional (Mattos & Souza, 2019).

De acordo com Bastos et al. (2010a/2010b) essa discussão da área de atuação não é recente e é fundamental por associar-se a questão da democratização dos serviços do psicólogo, uma vez que as reflexões possuem como eixo básico a crítica ao caráter elitista e excluente da profissão. Levando esse aspecto em consideração, Bock (2003) questiona se a atividade que o psicólogo exerce no seu consultório particular contribui para que ele reproduza o modelo clínico de atendimento individualizado em contextos inapropriados para outros níveis de intervenção. Segundo a autora (2003) é necessário ter em mente que as intervenções, mesmo que no nível individual, possuem uma carga de intervenção social, rompendo com a ideia de que o mundo psicológico nada tem a ver com o mundo social.

Bastos e Gomide (2010) afirmam que, para que se possa romper de forma efetiva o elitismo da profissão, é necessário que algumas novas medidas ocorram durante a formação dos novos profissionais e que a luta por políticas públicas para a área social que privilegiam um atendimento global dos indivíduos em suas múltiplas necessidades consigam produzir resultados permanentes.

Essas medidas se relacionam à necessidade do profissional psicólogo compreender que suas intervenções devem iniciar com uma análise integral das contradições do trabalho dentro das condições dadas por seus processos de produção particulares (Sato, 2003; Sato, Bernardo, & Oliveira, 2008). Deve-se lembrar também que, mais do que formar profissionais para o “mercado”, a universidade tem importante papel na formação de sujeitos sociais éticos (Soares & Cunha, 2010).

Com isso, um dos principais desafios do psicólogo consiste em deixar de lado a ideia de se pensar como autoridade única, detentor de um conhecimento mítico sobre o outro. Cabe a esse profissional superar os esquemas alienados, que, muitas vezes, estão presentes na sua formação, abandonando posturas cômodas que prevalecem em seu exercício, além de desmontar discursos elitistas e práticas que estejam focadas apenas nos interesses dos mais privilegiados

economicamente.

Sobre a prática profissional dos egressos investigados, tornou-se necessário relacioná-las às suas experiências formativas, no nível dos estágios realizados durante a graduação. Autores expressam a influência desta prática didático-profissional para a escolha do percurso a ser trilhado quando da obtenção do diploma de psicólogo e o presente estudo evidencia a relação estreita entre as experiências de estágio e a trajetória profissional alavancada.

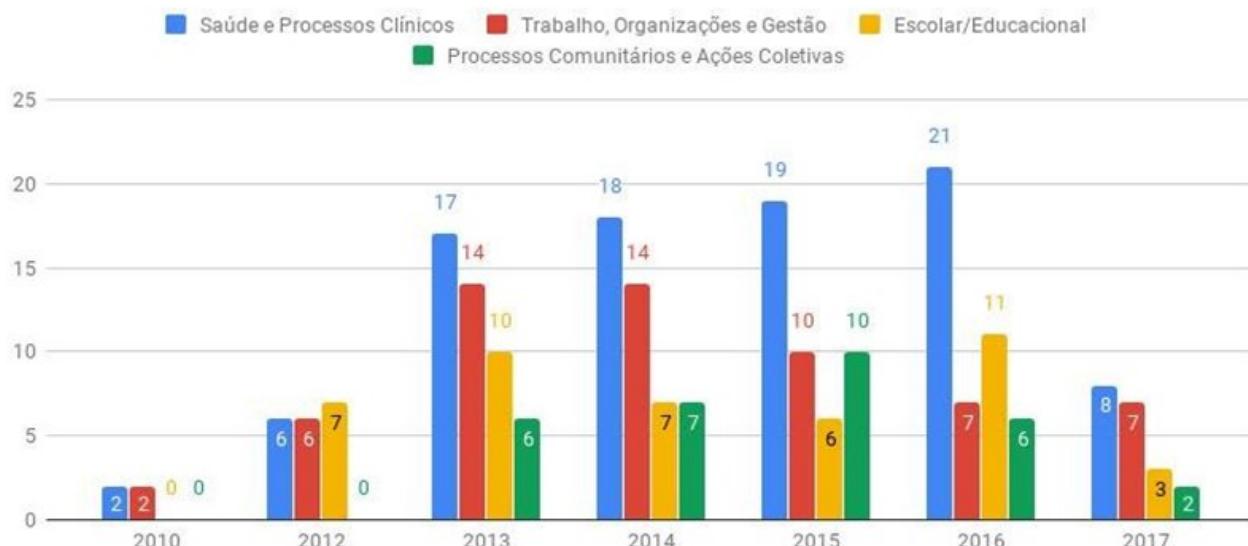
As Diretrizes Curriculares para os Cursos de Psicologia (Brasil, 2004; 2011; 2018), estabelecidas pelo MEC, propõem múltiplas habilidades e competências profissionais. Nesse sentido, o estágio aparece como um importante produto da formação e deve preparar o estudante aspirante a psicólogo para desenvolver as competências e habilidades necessárias ao exercício da profissão. As poucas oportunidades de exercício prático deixam o estudante inseguro e contribuem para a fragilização na construção da sua identidade profissional, o que prejudica as perspectivas de inserção no mercado de trabalho (Gondim, 2002). Portanto a oportunidade de realização de estágios variados ao longo da formação inicial é de extrema importância para capacitar da melhor forma possível os estudantes de graduação.

Outra forma de experimentar a prática profissional durante a formação inicial é participar de ações e projetos de extensão, que é tida como um elo que faz chegar à comunidade aquilo que se produz no meio acadêmico. O artigo 5º do Plano Nacional de Extensão Universitária possui como diretriz: “engajamento da universidade com a sociedade, mediado por uma relação bidirecional de mútuo desenvolvimento” (Plano Nacional de Extensão Universitária, p.5). De acordo com Nunes e Silva (2012) a extensão universitária funciona como “via de mão dupla”, pois a comunidade é impactada com os serviços prestados pela Universidade e esta aprende com os saberes populares da comunidade, funcionando assim como uma troca de conhecimentos, cada qual com suas particularidades, mas sem desconsiderar nenhum dos saberes envolvidos.

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que dispõe sobre o funcionamento da educação em seus níveis de ensino (educação básica e superior), indica que as universidades devem promover atividades de extensão, as quais devem ser abertas à população, visando à difusão das conquistas e benefícios oriundos das instituições; e que estas atividades extensionistas sejam abertas a candidatos que atendam a requisitos mínimos propostos por cada instituição (Brasil, 1996).

Nunes e Silva (2012) abordam a extensão universitária como

Gráfico 4 - Contato com projetos de extensão por ênfase segundo ano de conclusão



uma atividade de interação entre a comunidade científica e os mais diferentes setores da população/comunidade. Sendo integrante do "tripé" das universidades (ensino, pesquisa e extensão), a extensão é de extrema importância na formação acadêmica-profissional, e, portanto, é uma prática que deve estar inserida na formação dos estudantes de ensino superior.

Para fins de contextualização, o curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina tem como obrigatoriedade a realização de dois estágios, ambos com um ano de duração e normalmente realizados nos dois últimos anos da graduação. Os graduandos podem optar pela realização de dois estágios dentro das quatro ênfases existentes: Trabalho, Organizações e Gestão, Saúde e Processos Clínicos, Psicologia Escolar e Educacional e Processos Comunitários e Ações Coletivas.

Os dados coletados permitiram notar que dentre os participantes da pesquisa, tivemos, em números brutos, a prevalência de egressos que realizaram estágio obrigatório ou não-obrigatório na ênfase de Saúde e Processos Clínicos (90), seguido pela ênfase de Trabalho, Organizações e Gestão (65), Psicologia Escolar e Educacional (43) e por fim, Processos Comunitários e Ações Coletivas (26). No questionário foi disponibilizada a opção de relatar outros estágios realizados, caso o respondente acreditasse que seu estágio não se encaixasse bem dentro das ênfases existentes. Posto isto, obtivemos também respostas de estágios realizados na área jurídica (1) e na psicologia do esporte (2).

Referente aos projetos de extensão realizados pelos egressos, percebe-se que a ênfase de Saúde e Processos Clínicos também foi a mais procurada (59), seguida por Psicologia Escolar e Educacional (45) e Trabalho, Organizações e Gestão (39). Houve também outras atividades citadas pelos egressos em campos como, por exemplo, Psicologia do Esporte (3), participação em Centro Acadêmico (1), Movimento Estudantil (1) e Monitorias (1).

Importante notar que 18 egressos (17,4%) relataram que não tiveram contato com projetos de extensão ao longo de sua graduação. Além disso, optou-se também por realizar um recorte por ano de formação dos respondentes. Com isso, foi possível observar, através de uma comparação entre as quatro áreas fornecidas pelo curso de Psicologia da UFSC, que a distribuição por ano de conclusão do curso incide sobre a área da saúde.

A partir dos dados trazidos, observa-se que a área de estágio e de extensão mais realizada pelos egressos foi a de Saúde e Processos Clínicos, área também que esses mesmos egressos encontram-se atuando atualmente. Bastos (1998) aborda que é na clínica que o profissional se percebe realizando mais plenamente o ideal de atuação psicológica e isso é construído durante o processo de formação profissional. Percebe-se também que grande parte das demandas de trabalho psicológico está associada a atividades de psicoterapia e aconselhamento, sinalizando que a atividade clínica ultrapassa os limites dos consultórios particulares.

A atuação dos profissionais na saúde mental se constitui em um espaço de cuidado compreendido em sua perspectiva clínica. A Psicologia em contextos de saúde se mantém através de uma perspectiva de diagnóstico e cura, com a realização, aplicação de testes e métodos de avaliação psicológicos nos serviços públicos (Conselho Regional De Psicologia Da 6º Região, 2011).

Trindade e Teixeira (2002) mostram que a esfera da Psicologia da Saúde refere-se ao papel da Psicologia, como ciência e profissão, dentro do meio de saúde-doença, estando presentes tanto a saúde física quanto a mental, contemplando o meio médico. Porém é válido lembrar que a Psicologia transcende ao campo da Medicina no momento em que passa a levar em consideração os fatores sociais, culturais e ambientais relacionados com a saúde e com a doença, uma vez que os significados sobre saúde e doença são diferentes em cada sociedade.

Os egressos da pesquisa de Bobato, Stock & Pinotti (2016) consideram que a abrangência da Psicologia, como área de conhecimento e campo de atuação profissional, não possibilita que o graduando tenha tempo suficiente para apreender todos os conhecimentos em sua complexidade durante a graduação. Portanto, nesse sentido, se faz necessário atuar fortemente a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para enfatizar e tentar demonstrar na prática o subconjunto de competências requeridas, definido como escopo de cada ênfase.

As Novas Diretrizes enfatizam ainda que o curso deve fornecer pelo menos duas ênfases curriculares que assegurem a possibilidade de escolha por parte do aluno, devendo as instituições incorporar o estágio supervisionado para garantir o desenvolvimento das competências específicas nas previstas (Brasil, 2004; Brasil, 2011; Brasil, 2018). Porém sabe-se que apenas a experiência prática advinda de estágios dentro da graduação não é suficiente; ao profissional de psicologia cabe a continuidade e atualização constantes de seus estudos por meio de pós-graduações e especializações (Abbad e Mourão, 2010).

A tendência de prosseguir os estudos após a conclusão da graduação também se expressa entre os egressos investigados, uma vez que 84,4% deles já concluíram um curso de pós-graduação *lato* ou *stricto sensu*. Os dados da pesquisa de 2008 indicam que os profissionais buscavam fortemente por complementação de sua formação, investindo principalmente em atividades que pudessem dar suporte à sua atuação profissional, tais como cursos de curta duração, supervisão e grupos de estudos (Bastos e Gomide, 2010), citados anteriormente. Essa característica também foi muito forte no censo de 1988, quando se apontou que a própria categoria de psicólogos constitui uma importante fatia do mercado de trabalho dos profissionais da área, através do fornecimento de supervisões, realização de psicoterapia e cursos (Bastos e Gomide, 2010).

Mais de 95% dos entrevistados na pesquisa nacional de 2008 revelaram que, para o seu exercício profissional após a graduação, tiveram que recorrer a formas complementares de formação (Bastos e Gomide, 2010), dado que corrobora a realidade aqui investigada.

Os dados da presente pesquisa sugerem que esta formação complementar pode ter relação com o nível de segurança e sensação de preparo técnico dos egressos para atuarem profissionalmente, uma vez que 53,4% afirmam sentir-se seguros para atuar com supervisão, seguidos por 35% que se sentem seguros para atuar sozinhos e por último, 11,7% que ainda se sentem inseguros para atuar profissionalmente. Tais resultados demonstram a necessidade dos profissionais recém-formados de atuarem com supervisão, pois de acordo com Bastos e Gomide (2010) "existe, por parte do aluno ou recém-formado, a expectativa de um espaço protetor, pelo pertencimento a um grupo que legitime o exercício profissional".

Na análise de Yamamoto, Souza & Zanelli (2010), apoiada na pesquisa nacional realizada em 2008, os dados referentes à supervisão apareciam mais frequentemente entre os psicólogos com menor tempo de formação (até 10 anos), diminuindo para aproximadamente metade da frequência nos anos posteriores. Tal dado vai ao encontro daqueles obtidos entre os profissionais recém-formados na UFSC, tendo em vista que os respondentes possuem também uma formação recente. Dentre os participantes, 53,4% deles sentem-se preparados para atuar, porém com a necessidade de supervisão. Tal dado pode nos indicar que esta última modalidade deve ser considerada um novo modo de formação continuada equivalente aos cursos de especialização (Yamamoto, Souza & Zanelli, 2010).

### Considerações finais:

Frente aos dados e reflexões realizados neste artigo, percebe-se que os egressos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina carregam vivências próximas àquelas relatadas nos estudos nacionais de uma década atrás (Bastos, 2010, Gondim, 2010, CFP, 1988), o que demonstra fortes permanências na formação recebida e principalmente à atuação dos psicólogos brasileiros nos últimos anos.

É interessante destacar o enriquecimento das práticas profissionais do psicólogo, que se manifesta na emergência e consolidação de novas áreas de conhecimento e de intervenção, como, por exemplo, as experiências nas áreas jurídica, do esporte e social. Essas novas práticas possuem ligações com outros campos do saber, mas também proporcionam o desenvolvimento e ampliação das possibilidades de atuação na interação com áreas clássicas da psicologia (Mattos e Rodrigues, 2018).

A formação básica média de cinco anos, em Psicologia, preconiza o aprofundamento das competências e habilidades que são centrais e indispensáveis ao profissional de psicologia, dando a ele a capacidade de pensar as suas diferentes inserções e fazeres específicos. Porém, devido ao crescimento de novas áreas de extrema relevância, faz-se necessário aos cursos de graduação incorporar conhecimentos sobre áreas emergentes, incluindo aí a produção de pesquisas aplicadas e

um posicionamento atento em relação às práticas tradicionais (Bastos & Gomide, 2010; Gondim, 2002; Mattos e Rodrigues, 2018).

Os dados analisados evidenciam uma postura positiva em relação à formação obtida, o que acaba por refletir nas práticas profissionais atuais dos egressos, uma vez que estas guardam forte relação com suas experiências em estágios e projetos de extensão, já que ambos são fortes potencializadores para o desenvolvimento de profissionais capacitados.

Bobato, Stock & Pinotti (2016) externalizam que a experiência prática é de grande importância para os estudantes, pois esse momento se caracteriza como uma forte possibilidade de estabelecer conexões entre o aprendizado teórico-metodológico e a atuação profissional, o que contribui de forma significativa para o desenvolvimento de uma identidade profissional.

Referente à formação complementar, os dados se encontram muito próximos da pesquisa nacional realizada há cerca de uma década, quando mais de 95% dos entrevistados responderam que, para o seu exercício profissional após a graduação, tiveram que recorrer a formas complementares de formação (Bastos e Gomide, 2010).

Na pesquisa com egressos da UFSC, 84,4% desses psicólogos precisaram recorrer a algum tipo de pós-graduação. Isso confirma o fato de que os currículos de graduação dos cursos de Psicologia foram de um modo geral, elaborados visando à formação generalista, o que nem sempre pode ser suficiente ao profissional no momento em que ingressa no mercado de trabalho. Portanto, acredita-se que a realização de alguma espécie de pós-graduação seja uma alternativa para complementar os conteúdos não aprofundados na graduação e que interessam particularmente a cada um dos profissionais recentemente formados.

Por fim, salienta-se a importância da realização de pesquisas com egressos, pois representa um forte dispositivo de autoavaliação por parte das instituições de educação superior. Por essa razão, o acompanhamento do percurso profissional dos egressos é uma das diretrizes que norteiam os Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI) das universidades, assim como é componente essencial do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) do Ministério da Educação brasileiro.

Portanto, o acompanhamento de egressos compõe um rol de ações com o objetivo de avaliar a eficácia da formação oferecida pelas Instituições de Ensino Superior (IES) e também, é por meio da avaliação que os egressos fazem da formação recebida que as reformas curriculares podem ser pensadas e implementadas. Como sugestão, seria interessante também que existisse um processo sistematizado de avaliação institucionalizada pelo Ministério da Educação junto aos egressos de todas as IES como ferramenta de retroalimentação privilegiada, tal como acontece em determinados países europeus, com boletins trienais, instituídos como política de Estado, a fim de conhecer o impacto da formação recebida em termos sociais, culturais, geográficos e econômicos.

Isto posto, é necessário destacar as limitações deste estudo. O percentual de participantes formados no período (45%) não possibilita generalizações categóricas sobre a realidade dos egressos do curso; além disso, o período analisado na pesquisa coincide com a implantação das políticas de Estado nacional que garantem o acesso ao ensino superior público de um setor da população economicamente desfavorecido. Em função disso acredita-se que os dados não puderam demonstrar ainda a diversidade existente no espaço universitário nacional e mais detidamente, da UFSC, seja em termos de origem regional, social, seja em termos de formação educacional básica no âmbito público.

Porém tais limitações podem ser vencidas com a replicação deste estudo no futuro, pois com novas coletas será possível realizar análises longitudinais. Acrescenta-se ainda a limitação de bibliografia recente, dado que as publicações importantes sobre a temática apresentam-se como censos e possivelmente serão atualizadas em futuro recente, dado o fim de mais uma década. Conclui-se, no entanto, que apesar dessas limitações, o estudo traz importantes reflexões para os estudantes, docentes, psicólogos(as) e demais interessados no campo da formação e inserção profissional em Psicologia.

## Referências:

- Abbad, G. da S. & Mourão, L. (2010). Competências profissionais e estratégias de qualificação e requalificação. In: Bastos, A. V. B.; Gondim, S. M. G. (Orgs.). (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil: um exame à luz das categorias da psicologia organizacional e do trabalho*. Porto Alegre: Artmed, cap. 18, p.380-401.
- Bastos, A. V. B. (1988) Áreas de atuação – em questão o nosso modelo profissional. In: Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: Edicon, cap. 10, p. 163-193.
- Bastos, A. V. B. & Gomide, P. I.C. (2010). O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. In: Yamamoto, O. H.; Costa, A. L. F. (Orgs.). (2010). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*, Natal: EDUFRN, cap.12, p.227-254.
- Bastos, A. V. B.; Gondim, S. M. G. & Borges-Andrade, J.E. (2010a). As mudanças no exercício profissional da psicologia no Brasil. O que se alterou nas duas últimas décadas e o que vislumbramos a partir de agora? In: Bastos, A. V. B.; Gondim, S. M. G. (Orgs.). (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil: um exame à luz das categorias da psicologia organizacional e do trabalho*. Porto Alegre: Artmed, cap. 20, p.419-444.
- Bastos, A. V. B.; Gondim, S. M. G. & Borges-Andrade, J.E. (2010b) O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. O que mudou nas últimas décadas? In: Yamamoto, O. H.; Costa, A. L. F. (Orgs.). (2010). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*. Natal: EDUFRN, cap. 13, p.255-270.
- Bernardes, J. D. S. (2012). A formação em Psicologia após 50 anos do Primeiro Currículo Nacional da Psicologia: Alguns desafios atuais. *Psicologia Ciência e Profissão*, 32, 216-231. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32nspe/v32speca16.pdf>
- Bock, A. M. B. (2003). Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In A. M. B. Bock (Org.), *Psicologia e o compromisso social* (pp. 15-28). São Paulo: Cortez Editora.
- Botomé, S. P. & Kubo, O. M. (2002). Responsabilidade social dos programas de Pós-graduação e formação de novos cientistas e professores de nível superior. *Interação em Psicologia*, 6(1), 81-110. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3196/2559>
- Brasil. Congresso Nacional. (1996). *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União. Brasília.
- Brasil. Ministério da Educação (2004). *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia*. Resolução nº 8, de 7 de maio de 2004. Diário Oficial da União. Brasília.
- Brasil. Ministério da Educação (2011). *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia*. Resolução nº 15 de 15 de março de 2011. Diário Oficial da União. Brasília.
- Brasil. Ministério da Educação (2018). *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia*. Resolução Nº 597, de 13 de setembro de 2018. Diário Oficial da União. Brasília.
- Bobato, S.T., Stock, C.M., & Pinotti, L.K. (2016). Formação, Inserção e Atuação Profissional na Perspectiva dos Egressos de um Curso de Psicologia. *Psicologia Ensino & Formação*, 7(2), 18-33. <https://dx.doi.org/10.21826/2179-58002016721933>
- Conselho Federal de Psicologia. (1998). (Org.). *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: Edicon
- Conselho Regional De Psicologia Da 6ª Região (Org.) (2011). *Exposição 50 anos da psicologia no Brasil: A História da psicologia no Brasil*. São Paulo: CRPSP. Disponível em: <http://www.crpsp.org/fotos/pdf-2015-10-06-12-34-36.pdf>
- Cruz, R.M., & Schultz, V. (2009). Avaliação de competências profissionais e formação de psicólogos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(3), 117-127. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672009000300013&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000300013&lng=pt&tlang=pt)
- Ferretti, C. J. (2004). Considerações sobre a apropriação das noções de qualificação profissional pelos estudos a

- respeito das relações entre trabalho e educação. *Educação & Sociedade*, 25(87), 401-422. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21463.pdf>
- Gil, A. C. (2019). Métodos e técnicas de pesquisa social. 7 ed. São Paulo: Atlas
- Gondim, S. M. G. (2002). Perfil profissional e mercado de trabalho: Relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, Natal, 7(2), 299-309. Disponível em: 10.1590/S1413-294X2002000200011
- Malvezzi, S.; Souza, J. A. J. de. & Zanelli, J. C. (2010). Inserção no mercado de trabalho os psicólogos recém-formados. In: Bastos, A. V. B.; Gondim, S. M. G. (Orgs.). (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil: um exame à luz das categorias da psicologia organizacional e do trabalho*. Porto Alegre: Artmed, cap.5, p. 85-106.
- Mattos, V. B.; Souza, G. A. (2019). Entre a tradição e inovação da prática profissional do psicólogo: considerações sobre a atuação dos egressos da Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. *Creativity and Educational Innovation Review (CEIR)*. Valência –Espanha: Universidade de Valência, 3 ed., p. 86-103.
- Mattos, V. B.; Bianchetti, L. (2011). Educação continuada: solução para o desemprego? *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 32, n. 117, p.1149-1164.
- Mattos, V. B.; Rodrigues, C. R. C. (2018). Me formei em psicologia e agora? Considerações sobre o percurso profissional de egressos da UFSC. *Anais do V Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão*. São Paulo: UNINOVE.
- Minayo, M. C. de S. (2016). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.
- Nunes, A.L. P. F.; Silva, M. B. C. (2012). A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. *Mal-Estar e Sociedade*, v. Ano IV, p. 119-133. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/malestar/article/view/60>
- Pereira, E. M. A. (2011). Currículo universitário: o que pensam os docentes? In: Catania, A. M.; Silva Jr., J. R.; Meneguel, S. M. (Orgs.) *A cultura da universidade pública brasileira: mercantilização do conhecimento e certificação em massa*. São Paulo: Xamã.
- Sato, L. (2003). Psicologia, saúde e trabalho: distintas construções dos objetos “trabalho” e “organizações”. In Z. A. Trindade & A. N. Andrade (Orgs.), *Psicologia e saúde: um campo em construção* (pp. 167-178). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sato, L., Bernardo, M. H., & Oliveira, F. (2008). Psicologia social do trabalho e cotidiano: a vivência de trabalhadores em diferentes contextos micropolíticos. *Psicología para a América Latina*. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000400010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400010)
- Soares, S. R. & Cunha, M. I. (2010). Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade. *EDUFBA*, Salvador. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/cb/pdf/soares-9788523211981.pdf>
- Trindade, I., & Teixeira, J. A. C. (2002). Psicologia em serviços de saúde: Intervenção em centros de saúde e hospitais. *Análise Psicológica*, 20, 1, 171-174. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v20n1/v20n1a18.pdf>
- Triviños, A. N. S. (2008). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.
- Turmina, A. C.; Bianchetti, L. (2003). Especialistas ou generalistas? As origens desse dilema e os seus desdobramentos para a práxis dos orientadores e dos supervisores educacionais. *Prospectiva*, Porto Alegre / RS, v. 27, p. 47-59.
- Yamamoto, O. H; Souza, J. A. J. de; Silva, N. & Zanelli, J. C. (2010). A formação básica, pós-graduada e complementar do psicólogo no Brasil. In: Bastos, A. V. B.; Gondim, S. M. G. (Orgs.). (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil: um exame à luz das categorias da psicologia organizacional e do trabalho*. Porto Alegre: Artmed, cap.3, p. 45-65.
- Zatti, F.; Luna, I. N.; Silva, N., & Feigel, G. L. R. (2017). Desenvolvimento de carreira de estudantes durante a graduação: análise de fundamentos epistemológicos em estudos nacionais. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 17(3), 150-158. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.17652/rpot/2017.3.13269>

